

SAÚDE: DIREITO DE TODOS E DEVER DO ESTADO – O SONHO NÃO ACABOU

Health: right and duty of all of the state - the dream not over

Salud: derecho y deber de todos los del estado - el sueño no ha terminado

Maria Fátima de Sousa¹

Em seu livro “Homens em tempos sombrios”, Hannah Arendt nos faz lembrar, oportunamente, de pessoas que viveram suas vidas, moveram o mundo e foram afetados pelo tempo histórico, fazendo história. Entre tantas, fala-nos de , para referenciar um símbolo dos bons e velhos tempos do movimento, quando as esperanças eram verdes, a revolução rondava a esquina e mais importante, a fé nas capacidades das massas e na integridade moral da liderança socialista ou comunista ainda estava intacta.

É representativo apresentar a **Revista Tempus Actas em Saúde Coletiva**, não só falando da pessoa de Rosa Luxemburgo, mas também das qualidades dessa geração mais antiga da esquerda, aqui simbolizada por Antonio Alves de Souza, Gilson Carvalho, Hesio Cordeiro, Jairnilson Silva Paim, Nelson Rodrigues dos Santos e Volnei Garrafa, que foram capazes, nesses 20 anos do Sistema Único de Saúde (SUS), de difundir um novo pensamento social à construção de uma reforma sanitária brasileira. E mais, de efervescer a ousadia dos valores dos seus pensamentos, em outras gerações, aqui representadas por Carlos Gonçalves Serra, Edgar Merchan Hamann, João Arriscado Nunes, Nilo Brêtas Júnior, Paulo H. Rodrigues e Renilson Rehem de Souza. Estes, que puseram fim às suas práticas destinando-as, com seus agudos sentidos de realidade, à rigorosa tarefa de construir o SUS como um projeto de nação, um dos maiores projetos de inclusão social.

O encontro de saberes e fazeres entre esses homens e mulheres não possui fronteiras, seja na pátria da classe operária ou em terras além mar. O que se assiste ao longo desses 20 anos é um encontro de grandeza de espíritos que fortalecem a simplicidade audaciosa de continuar perseverando em busca dos ideários da Reforma Sanitária brasileira. Ideários que precisam ser celebrados não somente em datas como cinco de outubro de 2008, quando comemoramos a edição da sétima e nova Constituição Brasileira, mas também o surgimento dos mestres de “novas eras”, reescrevendo assim, a oportunidade dos sujeitos em gerações.

¹Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde pela UnB e mestre em Ciências Sociais pela UFPB. Professora da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília e pesquisadora junto ao Núcleo de Estudos de Saúde Pública (NESP) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM). fatimasousa@unb.br

Nesse limiar entre gerações e seus sujeitos, lembro-me de citar Walter Benjamin, que em suas teses “Sobre o conceito da História” nos dizia: “Atualmente mal me sinto forçado a tentar entender essa condição do mundo. Nesse planeta, um grande número de civilizações pereceu em sangue e horror. Naturalmente é preciso desejar ao planeta que algum dia experimente uma civilização que tenha abandonado o sangue e o horror; de fato, estou [...] inclinado a supor que nosso planeta espera por isso”².

Do mesmo modo, esperamos que o Sistema Único de Saúde comemore seus ganhos e que as novas e velhas gerações não se intimidem em continuar sendo “pescadores de pérolas”, nos provocando na defesa de uma saúde como um direito de todos e dever do estado, compreendendo que o sonho não acabou.

A cinco braços jaz teu pai,
De seus ossos fez-se coral,
Essas são pérolas que foram seus olhos.
Nada dele desaparece
Mas sofre uma transformação marinha
Em algo rico e estranho.

A tempestade, I, 2.

² ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.209.